

“Alegoria da caverna” e *O Banquete* – alguns comentários

Para discutirmos o papel do amor na filosofia de Platão, comecemos pela leitura da “Alegoria da caverna”, um trecho de *A república*, que coloquei no Moodle

Lendo o texto podemos verificar que para Platão existem duas realidades: o mundo das ideias e o mundo sensível que é uma cópia imperfeita do mundo das ideias. Os homens, presos na caverna, são assim equivalentes a nós, humanos, que vemos as sombras do que é verdadeiro, e supomos que estas sombras são a realidade.

Indico, abaixo, dois trechos do prefácio do volume de *Os pensadores* que está no Moodle que, creio, podem ser úteis para a leitura da alegoria:

Durante cerca de vinte anos, Platão dedica-se ao magistério e à composição de suas obras. Sob forte influência do pitagorismo, escreve os "diálogos de transição", que justamente marcam — segundo muitos intérpretes — o progressivo desligamento das posições originariamente socráticas e a formulação de uma filosofia própria, a partir da nova solução para o problema do conhecimento, representada pela doutrina das idéias: formas incorpóreas e transcendentais que seriam os modelos dos objetos sensíveis. Essas novas formulações aparecem em vários diálogos: *Ménon*, *Fédon*, *Banquete*, *República*, *Fedro*. (p.16)

A alegoria da caverna dramatiza a ascensão do conhecimento, complementando o esquema da linha dividida. Descreve um prisioneiro que contempla, no fundo de uma caverna, os reflexos de simulacros que — sem que ele possa ver — são transportados à frente de um fogo artificial. Como sempre viu essas projeções de artefatos, toma-os por realidade e permanece iludido. A situação desmonta-se e inverte-se desde que o prisioneiro se liberta: reconhece o engano em que permanecera, descobre a "encenação" que até então o enganara e, depois de galgar a rampa que conduz à saída da caverna, pode lá fora começar a contemplar a verdadeira realidade. Aos poucos, ele, que fora habituado à sombra, vai podendo olhar o mundo real: primeiro através de reflexos — como o do céu estrelado refletido na superfície das águas tranqüilas —, até finalmente ter condições para olhar diretamente o Sol, fonte de toda luz e de toda realidade. Essa alegoria de múltipla dimensão — pode ser vista tanto como fabulação da ascensão religiosa, como da filosófica e científica — guarda ainda uma conotação política, que o contexto da República não permite negligenciar. Aquele que se liberta das ilusões e se eleva à visão da realidade é o que pode e deve governar para libertar os outros prisioneiros das sombras: é o filósofo-político, aquele que faz de sua sabedoria um instrumento de libertação de consciências e de justiça social, aquele que faz da procura da verdade uma arte de desprestidigitação, um desilusionismo. (p.29)

Acrescentei no Moodle uma divertida e interessante versão de Maurício de Sousa sobre a alegoria, “As sombras da vida”.

Partamos para *O Banquete*

Um breve resumo, com alguns comentários

O Banquete começa com uma conversa entre Apolodoro e um companheiro, não nomeado. Será Apolodoro que contará o que ocorreu no Banquete, reproduzindo, por sua vez, o que lhe contara Aristodemo.

Podemos aqui perceber, como nota J. C. De Souza, a importância da memória para a cultura helênica (p.37, nota 5) “Entre a data da realização do banquete (v. infra 173a) e a da sua narração por Apolodoro medeiam portanto muitos anos. Tanto quanto um indício cronológico, essa notícia vale como uma curiosa ilustração da importância da memória na cultura da época”. Esta importância será reforçada quando, em sua fala, Sócrates reproduzirá uma conversa que teve com Diotima, muitos anos antes (p.73)

E a ti [Agatão] eu te deixarei agora; mas o discurso que sobre o Amor eu ouvi um dia, de uma mulher de Mantinéia, Diotima, que nesse assunto era entendida e em muitos outros — foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez por dez anos recuar a doença, e era ela que me instruía nas questões de amor — o discurso então que me fez aquela mulher eu tentarei repetir-vos, a partir do que foi admitido por mim e por Agatão, com meus próprios recursos e como eu puder.

Ao falar do Banquete Apolodoro se refere aos incidentes que o geraram – a vitória que Agatão obteve com a sua tragédia, em 416 AC. Esta data indica que, naquele momento, Sócrates teria em torno de cinquenta anos, Agatão (448-401) e Aristófanes em torno de 30 (445-386).

Para comemorar a vitória, após terem jantado, resolvem seguir a proposta de Erixímaco de fazerem discursos em homenagem ao Amor.

O primeiro a falar é Fedro, que considera o amor como o mais antigo dos deuses, e aponta o efeito benéfico que ele produz nos homens: a vergonha do que é feio e o apreço do que é belo. Em sua fala aparece uma distinção que depois será importante, a diferença entre amante e amado: o primeiro é o que ama, o segundo é o que é amado. “Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado.” (p.45)

Em seguida temos o discurso de Pausânias que considera que existem dois amores, um celestial e outro popular.

Erixímaco, que fala em seguida, acaba também por fazer referência a dois amores, um que considera como sadio, e outro como mórbido.

Aristófanes, para falar do amor, apresenta uma fábula sobre os homens divididos. Esta fábula é interessante. Vejamos alguns trechos:

Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o

mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. (...) Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores. Eram por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, e o que diz Homero de Efiates e de Otes é a eles que se refere, a tentativa de fazer uma escalada ao céu, para investir contra os deuses. Zeus então e os demais deuses puseram-se a deliberar sobre o que se devia fazer com eles, e embaraçavam-se; não podiam nem matá-los e, após fulminá-los como aos gigantes, fazer desaparecer-lhes a raça — pois as honras e os templos que lhes vinham dos homens desapareceriam — nem permitir-lhes que continuassem na impiedade. Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: "Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando." Logo que o disse pôs-se a cortar os homens em dois,(...) Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher — o que agora chamamos mulher — quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo. Tomado de compaixão, Zeus consegue outro expediente, e lhes muda o sexo para a frente — pois até então eles o tinham para fora, e geravam e reproduziam não um no outro, mas na terra, como as cigarras; pondo assim o sexo na frente deles fez com que através dele se processasse a geração um no outro, o macho na fêmea, pelo seguinte, para que no enlace, se fosse um homem a encontrar uma mulher, que ao mesmo tempo gerassem e se fosse constituindo a raça, mas se fosse um homem com um homem, que pelo menos houvesse saciedade em seu convívio e pudessem repousar, voltar ao trabalho e ocupar-se do resto da vida. É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento.

Certamente, lendo o discurso de Aristófanes, podemos perceber que Garrett propõe, em “Cascais”, a possibilidade do retorno, temporário e precário, dessa unidade perdida.

Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta, árida serra
Por entre os negros penedos

Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.
E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, anuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
de selvagem natureza.

Aí, na quebra do monte,
Entre uns juncos malmedrados,
Seco o rio, seca a fonte,
Ervas e matos queimados,
Aí nessa bruta serra,
Aí foi um céu na terra.

Ali sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como éramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ela vivia em mim,
Como eu tinha nela tudo,
Minha alma em sua razão,

Meu sangue em seu coração!
Os anjos aqueles dias
Contaram na eternidade:
Que essas horas fugidias,
Séculos na intensidade,
Por milénios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim, foi a tragos largos,
Longos, fundos, que a bebi
Do prazer a taça: - amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ela deixou...

Mas como eu ninguém gozou.

Ninguém: que é preciso amar
Como eu amei - ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se há dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se anula perdida.

Ai, ai! que pesados anos
Tardios depois vieram!
Oh! que fatais desenganos,
Ramo a ramo, a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquele sítio encantado;
Certo estou não conhecê-lo,
Tão outro estará mudado,
Mudado como eu, como ela,
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda ali acaba a terra,
Mas já o céu não começa;
Que aquela visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
65 E deixou nua a bruteza
Dessa agreste natureza.

Depois é Agatão que apresenta o seu discurso que é, podemos ver, um elogio ao amor.

Sócrates, de fato, não fará um discurso, como os outros fizeram. A sua fala será principalmente construída por dois diálogos: primeiramente o dele com Agatão e depois a reprodução de um diálogo que teria tido com Diotima, a que já nos referimos.

No diálogo que tem com Agatão, Sócrates apresenta as premissas se seu raciocínio

O Amor é amor de algo que não se tem
O Amor ama o belo
O belo é bom
O Amor ama o bom
Logo, o Amor não é belo nem bom

Na reprodução do diálogo que tem com Diotima, estas premissas serão desenvolvidas

Os deuses são belos e bons

Logo, o Amor não é um Deus

O Amor está entre os deuses e os homens: é um gênio, intermediário entre os homens e os deuses

Para explicar a origem do Amor, Diotima usa uma alegoria: o Amor seria filho de Recurso e Pobreza

Quando nasceu Afrodite, banquetavam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar — pois vinho ainda não havia — penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. Eis com efeito o que se dá.

Em seguida Diotima explicará que o Amor parece belo por imaginarmos que ele seja o amado, e não o amante

Em seguida, indica:

Quem ama o que é belo quer tê-lo consigo

O que é belo é bom

Quem está com o que é bom é feliz

Quer sempre tê-lo

Diotima então conclui que O Amor é uma parturição no belo, pois só pela gestação e parturição o homem pode ser imortal e, com isto, ter consigo sempre o belo, e como gerar na alma é melhor que gerar no corpo, seria por este tipo de parturição que o homem poderia alcançar a imortalidade.

Diotima explicará, em seguida, os graus do Amor

São esses então os casos de amor em que talvez, ó Sócrates, também tu pudesses ser iniciado; mas, quanto à sua perfeita contemplação, em vista da qual é que esses graus existem, quando se procede corretamente, não sei se serias capaz; em todo caso, eu te direi, continuou, e nenhum esforço pouparei; tenta então seguir-me se fores capaz: deve com efeito, começou ela, o que corretamente se encaminha a esse fim, começar quando jovem por dirigir-se aos belos corpos, e em primeiro lugar, se corretamente o dirige o seu dirigente, deve ele amar um só corpo e então gerar belos discursos; depois deve ele compreender que a beleza em qualquer corpo é irmã da que está em qualquer outro, e que, se se deve procurar o belo na forma, muita tolice seria não considerar uma só e a mesma a beleza em todos os corpos; e depois de entender isso, deve ele fazer-se amante de todos os belos corpos e largar esse amor violento de um só, após desprezá-lo e considerá-lo mesquinho; depois disso a beleza que está nas almas deve ele considerar mais preciosa que a do corpo, de modo que, mesmo se alguém de uma alma gentil tenha todavia um escasso encanto, contente-se ele, ame e se interesse, e produza e procure discursos tais que tornem melhores os jovens; para que então seja obrigado a contemplar o belo nos ofícios e nas leis, e a ver assim que todo ele tem um parentesco comum, e julgue enfim de pouca monta o belo no corpo; depois dos ofícios é para as ciências que é preciso transportá-lo, a fim de que veja também a beleza das ciências, e olhando para o belo já muito, sem mais amar como um doméstico a beleza individual de um criança, de um homem ou de um só costume, não seja ele, nessa escravidão, miserável e um mesquinho discursador, mas voltado ao vasto oceano do belo e, contemplando-o, muitos discursos belos e magníficos ele produza, e reflexões, em inesgotável amor à sabedoria, até que aí robustecido e crescido contemple ele uma certa ciência, única, tal que o seu objeto é o belo seguinte. Tenta agora, disse-me ela, prestar-me a máxima atenção possível. Aquele, pois, que até esse ponto tiver sido orientado para as coisas do amor, contemplando seguida e corretamente o que é belo, já chegando ao ápice dos graus do amor, súbito perceberá algo de maravilhosamente belo em sua natureza, aquilo mesmo, ó Sócrates, a que tendiam todas as penas anteriores, primeiramente sempre sendo, sem nascer nem perecer, sem crescer nem decrescer, e depois, não de um jeito belo e de outro feio, nem ora sim ora não, nem quanto a isso belo e quanto àquilo feio, nem aqui belo ali feio, como se a uns fosse belo e a outros feio; nem por outro lado aparecer-lhe-á o belo como um rosto ou mãos, nem como nada que o corpo tem consigo, nem como algum discurso ou alguma ciência, nem certamente como a existir em algo mais, como, por exemplo, em animal da terra ou do céu, ou em qualquer outra coisa; ao contrário, aparecer-lhe-á ele mesmo, por si mesmo, consigo mesmo, sendo sempre uniforme, enquanto tudo mais que é belo dele participa, de um modo tal que, enquanto nasce e perece tudo mais que é belo, em nada ele fica maior ou menor, nem nada sofre.

Existe, assim, um caminho a ser seguido na arte de Amar

1. Amar um só corpo e gerar belos discursos
2. A beleza em qualquer corpo é irmã da que está em qualquer outro, logo deve-se amar todos os belos corpos
3. A beleza da alma é mais preciosa que a do corpo, logo deve-se amar as almas
4. Contemplar o belo nos ofícios e nas leis: ver que o mesmo belo está aqui presente
5. Ver o belo nas ciências

6. Ver o Belo-em-si

Ou seja, o amor seria um caminho possível para que o homem, que faz parte do mundo sensível, pudesse através de um processo de generalização, ou seja de graus de iniciação, chegar a contemplar o Belo, que faz parte do mundo das ideias.

Na parte final de *O Banquete* Alcebiades faz um discurso em homenagem a Sócrates que mostra como filósofo age com as mesmas premissas do discurso que proferiu sobre o amor. Em um momento afirma:

Sabei que nem a quem é belo tem ele a mínima consideração, antes despreza tanto quanto ninguém poderia imaginar, nem tampouco a quem é rico, nem a quem tenha qualquer outro título de honra, dos que são enaltecidos pelo grande número; todos esses bens ele julga que nada valem, e que nós nada somos — é o que vos digo — e é ironizando e brincando com os homens que ele passa toda a vida. Uma vez porém que fica sério e se abre, não sei se alguém já viu as estátuas lá dentro; eu por mim já uma vez as vi, e tão divinas me pareceram elas, com tanto ouro, com uma beleza tão completa e tão extraordinária que eu só tinha que fazer imediatamente o que me mandasse Sócrates.

Ou seja, parece que Sócrates já está no estágio em que pode contemplar o Belo, não mais se ligando a nenhuma beleza individual.